

REFLEXÕES SOBRE COMPONENTES E ORGANIZAÇÃO DE ENTRADAS DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOLÓGICAS DA LIBRAS

Issues on Libras components and the setting up of Lexicographic and Terminological work entries

Francielle Cantarelli Martins¹
Marianne Rossi Stumpf²
Antonielle Cantarelli Martins³

RESUMO

O presente trabalho é fruto de resultados preliminares da pesquisa de doutorado sobre Terminologia da área de Psicologia em Libras (Língua de Sinais Brasileira) desenvolvida pela primeira autora e orientada pela segunda autora deste artigo. A pesquisa se dedica a registrar, descrever e publicar os sinais-termo da área técnico-científica da Psicologia utilizados por psicólogos surdos, visando a aumentar a representatividade

ABSTRACT

The present work is a part of the preliminar results of the doctoral research on the Terminology of Psychology field in Brazilian Sign Language developed by the first author and supervised by the second author of this article. The research is dedicated to register, describe and publish the signs of the technical-scientific area

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, Florianópolis, SC; franciellecantarellim@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, Florianópolis, SC; stumpfmarianne@gmail.com.

³ Universidade Federal de Pelotas – UFPel –, Pelotas, RS; an.cantarellim@gmail.com.

dos sinais de uso comum entre psicólogos. Devido ao atual advento de produções de dicionários e glossários das mais variadas áreas em Libras, o presente trabalho busca descrever e trazer algumas reflexões acerca dos componentes da microestrutura e da macroestrutura de obras lexicográficas e terminológicas da Libras. Portanto, este trabalho se justifica pela carência de produções científicas que analisam obras lexicográficas e terminológicas da Libras.

of Psychology used by deaf psychologists. The research aims to increase the representativeness of the signs of common use among psychologists. Due to the current advent of dictionary and glossary productions of many fields in Libras, the present work aims to describe and bring some reflections about the components of the microstructure and macrostructure of Libras lexicographic and terminological works. Therefore, this work is justified by the lack of scientific productions dedicated to analyze lexicographic and terminological works on Libras.

PALAVRAS-CHAVE

Lexicografia; Terminologia; Libras; Organização de entrada.

KEYWORDS

Terminology; Libras; Lexicography; Organization of entries.

Introdução

Este trabalho é fruto de questionamentos que surgiram no desenvolvimento da pesquisa de doutorado da primeira autora desde artigo no departamento de Libras (LSB/CCE) do Programa de Pós-Graduação de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, durante discussões a respeito de peculiaridades do registro da Língua de Sinais. Sabemos das diferenças entre Lexicografia e Terminologia, porém, devido a interseção dessas duas ciências, mesmo que o foco deste trabalho seja Terminologia da Libras, a estrutura de obras lexicográficas também foi levada em conta nas análises.

1. Introdução à Terminologia Geral

O termo Terminologia se refere ao estudo e ao uso de termos, à descrição de palavras simples e compostas em contextos específicos. Também se refere à dis-

ciplina científica que estuda os rótulos e os conceitos de diversos campos, ou seja, estuda termos e conceitos nas línguas de especialidade. Entende-se que a linguagem de especialidade é um campo do conhecimento que se baseia em um termo e em usos linguísticos específicos com o propósito de fornecer uma comunicação.

A Terminologia pode ser definida, segundo Barros (2006, p. 22), como o estudo científico dos termos usados nas línguas de especialidade, ou melhor, empregados em discursos e textos de áreas técnicas, científicas e especializadas. Tem como objetivo pesquisar, documentar e divulgar o uso correto dos termos e das palavras técnicas.

Toda ciência desenvolve-se ao mesmo tempo que o desenvolvimento de sua Terminologia, segundo Benveniste (1974, p. 83): “Uma ciência somente começa a existir ou a ser divulgada à medida que impõe seus conceitos e divulga-os por meio de suas respectivas denominações”. Isso significa que a Terminologia envolve a descrição neológica de uma língua; assim, podemos ter certeza de que a maior parte dos neologismos criados das línguas constituem termos das línguas de especialidade, pois as áreas do conhecimento têm seus termos e têm criado novos conceitos que devem ser nomeados.

Maria Tereza Cabré (1995) reforça a necessidade das pesquisas em torno das terminologias, visto a importância de seus fundamentos, enfoques e aplicações práticas para a polissemia dos termos, usados tanto para disciplina, quanto para prática e produto, facilitando o uso para os especialistas da área.

Assim como Cabré, Juan Carlos Sager (1998) afirma que, como teoria, a Terminologia é um conjunto de argumentos e conclusões necessário para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados. Ele acrescenta que a Terminologia é prática para cada área, é um conjunto de métodos e atividades voltado para a coleta, a descrição, o processamento e a apresentação de termos. Como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulário, de uma determinada especialidade.

A Terminologia é um instrumento apoiado em conceitos de várias áreas e de vários especialistas. Segundo Faulstich (2003), as terminologias, na condição de elementos do léxico, operam e reoperam conceitos gerais e específicos e produzem termos que nem sempre se inserem no vocabulário de um usuário comum, mas no de profissionais que se utilizam de conceitos específicos na sua comunicação especializada.

Lembramos que a palavra Terminologia é polissêmica, ou seja, é como uma disciplina ou um campo de estudos teóricos aplicados, bem como um conjunto de termos de uma área específica do conhecimento. Sua unidade elementar é o termo, que é associado a um conceito. Reiteramos que a Terminologia é uma das ciências do léxico e tem como objeto de estudo o léxico especializado, o que contribui para diversas áreas, como a Medicina, o Jornalismo, a Documentação, entre outras, e que tem, no caso da pesquisa a que este artigo está relacionado, foco na área da Psicologia.

2. Terminologia da Libras

A relação entre a Terminologia e a Libras é pouco encontrada em pesquisas teóricas, mesmo que estejamos em momento de efervescência e de grande produção de glossários de diferentes áreas em Libras. Apesar de as línguas de sinais serem línguas pelas quais sujeitos surdos se comunicam, as pesquisas das línguas de sinais são recentes. As pesquisas sobre o status linguístico das línguas de sinais tiveram início nos anos 60 nos Estados Unidos e nos anos 90 no Brasil. Nos Estados Unidos, as primeiras pesquisas do linguista William Stokoe mostraram que a American Sign Language – ASL (Língua de Sinais Americana) possuía estruturas da mesma forma que as línguas orais e descreveu os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais por meio de pares mínimos. No Brasil, a pesquisadora Lucinda Ferreira Brito (1990, 1993, 1995) foi pioneira em pesquisar a estruturas da Libras nos anos 90, sendo que, logo depois, surgiram outros estudos linguísticos da Libras, como os das pesquisadoras Lodenir Becker Karnopp (1994, 1999), Ronice Muller Quadros (1995,1999) e Tanya Amara Felipe (1998).

Segundo Silva (2012) as obras terminológicas em Libras começaram a surgir na década de 2000, com a popularização da internet e da tecnologia de vídeos e filmagens. Segundo a autora, os glossários surgiram em maior escala a partir da década de 2000, organizados para atender a diversas finalidades específicas, como para o uso em disciplinas, em áreas técnicas, em espaços religiosos. A elaboração dos glossários busca suprir a falta de sinais em determinadas áreas, principalmente quando os sinais não são encontrados nos dicionários e, também, quando os sinais precisam de uma definição mais precisa em relação a alguma área do conhecimento.

Estamos em um momento de advento das obras terminológicas em Libras, porém, ainda são insuficientes, principalmente para áreas de especialidades, sendo que algumas não têm obras em Libras, como, por exemplo, as áreas do Direito e da Engenharia.

Ribeiro (2013, p. 30) argumenta que a falta de termos técnicos em Libras dificulta que os sujeitos surdos adquiram conceitos especializados, científicos ou técnicos, assim como que compreendam o conteúdo abordado em sala de aula. Além disso, a comunicação em diversos ambientes, como instituição, trabalho, comunidade, entre outros, também fica prejudicada. Enfim, a obra terminológica é um dos aspectos mais importantes na aprendizagem de uma língua, tanto na primeira língua quanto na segunda língua.

A autora Janine Soares de Oliveira (2010) trabalha com glossário de Libras e argumenta que ainda estão faltando os sinais-termo especializados em Libras:

Por se tratar de textos acadêmicos repletos de conceitos que devem ser entendidos, aprendidos e aplicados ao longo da formação educacional dos sujeitos, frequentemente, encontram-se termos técnicos na língua portuguesa escrita que (ainda) não possuem correspondentes em Libras. (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Este trabalho mostra a preocupação que muitos surdos têm em função da carência de sinais especializados, como já foi explicado.

As autoras Quadros e Karnopp (2004) e Freitas (2001) revelam que existe a falta de terminologias científicas em Libras, o que pode interferir na negociação de sentidos dos conceitos científicos por docentes, discentes, profissionais e tradutores/intérpretes.

Se o sujeito não conhece ou se o sinal de algum termo não existe, ele acaba soletrando o termo, e isso é como um empréstimo linguístico, porque a soletração faz parte do português. Segundo Leland McCleary (2009), as línguas de sinais não têm as mesmas possibilidades de empréstimos que vimos nas línguas orais, por causa da diferença de modalidade. Mesmo assim, elas existem sempre em contato estreito com uma língua oral dominante e podem ser influenciadas em consequência desse contato. O canal mais aberto para a influência da língua oral sobre a língua de sinais é por meio da datilografia e a da inicialização. Todas as línguas de sinais usam datilografia como um meio de compensar a falta de sinais para representar conceitos que já têm nome na língua oral e para representar nomes próprios (MCCLEARY, 2009, p. 39).

Segundo Faria-do-Nascimento (2009), conscientizar estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da LSB – Língua de Sinais Brasileira –, e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará no acesso e no domínio mais rápido também dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente.

Torna-se necessária a existência de sinais-termo, pois eles facilitam e tornam mais correto o trabalho dos profissionais que precisam utilizá-los, como os tradutores/intérpretes, os docentes e os discentes. Porém, a criação desses termos deve ser feita com cuidado extremo e discussões sistemáticas a respeito desse processo são cruciais.

Assim, existem palavras cujos conceitos os surdos conhecem, porém não sabem a qual sinal em Libras eles correspondem. Por isso, a obra terminológica em Libras é semibílingue e bílingue, porque as palavras são explicadas e traduzidas para outro idioma, com seus respectivos sinais. Esta parte é fundamental para que os sujeitos possam utilizar os sinais corretos e, também, para que conheçam conceitos claramente por meio da Língua de Sinais, visto que é a primeira língua dos sujeitos surdos.

A partir de sua experiência, os pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina do projeto Glossário de Libras, Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 146) relatam que no curso Letras – Libras o glossário é utilizado como elucidário para termos especializados ou cujos sentidos são pouco conhecidos dentro da comunidade surda. Estes autores trabalham com o Glossário de Libras e percebem que as carências estão sendo minimizadas aos poucos, com a criação desse Glossário. O primeiro foi para a área de Letras Libras, sendo seguido dos de sinais da área de Arquitetura, a seguir do Cinema e, em breve, haverá mais duas áreas: Informática e Psicologia. São obras terminológicas que mostram assuntos específicos, explicando os termos especializados utilizados por profissionais da área ou sujeitos que têm interesse em descobrir os seus significados e sinais.

Reiteramos a importância das obras terminológicas, pois representam o conhecimento científico específico e especializado de maneira organizada, como um manual. Sem as obras terminológicas, os sujeitos não conseguirão se comunicar, repassar seus conhecimentos, nem tampouco representar esse conhecimento de modo organizado na Libras.

Nas últimas décadas, as pesquisas científicas brasileiras sobre Libras se expandiram, e foram criadas a lei e o decreto que reconhecem que a Libras é a língua dos surdos brasileiros e que sujeitos surdos têm os mesmos direitos que sujeitos ouvintes. Além disso, os surdos começaram a frequentar cursos técnicos e de Ensino Superior, diversas áreas especializadas e, assim, terminógrafos perceberam que eles conviviam em um âmbito de termos especializados e que alguns termos não tinham correspondência com o português. Logo, estamos vivenciando um período em que várias obras terminológicas em Libras surgem. Pesquisadores e autores começaram a pesquisar sobre sinais-termo para áreas de especialidades e a publicar as obras em Libras. No entanto, segundo Oliveira (2010), a ausência, durante muitos anos, de um meio de comunicação de massa para estas comunidades, acarretou a não difusão dos ‘novos sinais’.

No próximo item discutiremos sobre os componentes estruturais das obras lexicográficas e terminológicas e apresentaremos alguns questionamentos.

3. Componentes estruturais das obras lexicográficas e terminológicas

Obras lexicográficas e terminológicas podem ser classificadas como monolíngues, semibilíngues, bilíngues ou até trilíngues. Obras monolíngues apresentam os termos e seus conceitos/definições em apenas uma língua. Obras semibilíngues apresentam os termos em uma língua (língua-fonte) e a tradução para outra língua (língua-alvo), mas os conceitos/definições, exemplos, entre outros, são apresentados em língua-fonte. Se os conceitos/definições, exemplos e termos são dispostos em duas línguas, a obra é classificada como bilíngue, pois as obras bilíngues apresentam duas línguas (língua-fonte e língua-alvo) de maneira equivalente. Segundo Schermer e Koolhof (2010) os dicionários de línguas orais são, em grande parte, ou monolíngues ou bilíngues. Esse não é o caso das línguas de sinais. Dicionários monolíngues de línguas de sinais quase não existem. O dicionário de língua de sinais mais conhecido que pode ser considerado monolíngue foi produzido por William Stokoe et al. e descreve a Língua Americana de Sinais (ASL) por meio de um sistema de notações próprio. Com o advento das tecnologias multimídia, esses dicionários talvez possam ser mais comuns no futuro. No entanto, a maior parte dos dicionários de línguas de sinais é produzida para aprendizes ouvintes e, portanto, são todos bilíngues ou semibilíngues. Esses

dicionários são organizados tanto pelos parâmetros do sinal (formato da mão, locação, movimento) usando um sinal como lema ou, mais frequentemente, usando alfabeticamente uma glosa como lema. A glosa é definida como uma tradução do sinal em um termo da língua escrita que chegue o mais próximo possível ao significado do sinal (SCHERMER e KOOLHOF, 2010, p. 1561).

As obras possuem estruturas diversas, algumas possuem vídeos em Libras com termos em português, outras apresentam apenas fotos ou ilustrações dos sinais-termo. Também algumas não têm opção de consulta e outras não apresentam definição/conceito do termo, nem descrição. Percebemos, ainda, que poucas apresentam o sistema da escrita de sinais. Mostramos, na sequência, quais estruturas encontramos nas obras lexicográficas e terminológicas em Libras.

- Vídeo em Libras (digital);
- Legenda em português (digital e impressa);
- Descrição do sinal-termo em português (digital e impressa);
- Foto (digital e impressa);
- Ilustração (digital e impressa);
- Definição/Conceito (digital e impresso);
- Consulta (digital e impressa);
- Escrita de sinais (digital e impressa);
- Introdução (digital e impressa).

A estrutura das obras lexicográficas e terminológicas diz respeito à macroestrutura e à microestrutura, e às suas bases teóricas extensivas tanto à Lexicografia quanto à Terminologia. A macroestrutura apresenta a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, a parte introdutória e os anexos. Já a microestrutura corresponde à organização interna dos termos e aos conjuntos de informações e detalhes nos termos.

A seguir, apresentamos brevemente reflexões acerca da macroestrutura e da microestrutura das obras em Libras, pois acreditamos que estas informações sejam importantes para futuros elaboradores de obras lexicográficas e terminológicas em Libras.

3.1 A macroestrutura

Por macroestrutura entende-se a organização de uma obra lexicográfica ou terminológica, e este conceito está relacionado às características gerais. Comumente, as obras têm suas estruturas organizadas de modo a facilitar a utilização pelo sujeito, como, por exemplo, a apresentação de uma introdução logo nas primeiras páginas da obra, uma explicação de maneira sucinta sobre as características e o conteúdo ao usuário, como é feita a busca de termos, para qual público é destinado e também como a obra é produzida e instruções para seu uso. A parte de anexos pode ser opcional, contendo bibliografia utilizada, tabelas, quadros, gráficos e outras informações importantes. Estas etapas são fundamentais para os usuários que consultam obras.

O autor Frübel (2006) esclarece o que é importante para a estrutura da obra:

Conforme os preceitos teóricos estabelecidos pela Lexicografia e que são aplicáveis também à Terminografia, a arquitetura de um dicionário ou de um glossário compreende uma macroestrutura e uma microestrutura. A macroestrutura compõe-se da nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. (2006, p. 62).

Relacionamos agora com as nossas reflexões sobre macroestruturas das obras terminológicas em Libras. Algumas obras terminológicas impressas e digitais em Libras apresentam ilustrações, fotos, descrições e também vídeos em Libras; algumas têm consulta em português, por ordem alfabética, ou por Libras, pela configuração de mãos e/ou localização. Então, em relação à macroestrutura em Libras, é importante que as obras apresentem introdução e texto fundamental e também que expliquem como pode ser feita a busca pelos sinais-termo, se há consulta por meio de configuração de mãos, localização, ordem alfabética, palavra em português ou outra forma de consulta, quais são seus objetivos, seu público-alvo, informações básicas sobre a obra, entre outros elementos.

Como muitos usuários têm muito contato com as obras que apresentam ordem alfabética e palavra em português, poucos fazem consulta por meio de configuração das mãos e de localização, por isso é importante ter uma introdução que explique como é feita a busca pelos sinais-termo. A partir de agora, refletimos e relacionamos as macroestruturas e microestruturas com as obras terminológicas impressas e digitais em Libras.

A maioria das obras terminológicas e lexicográficas impressas em Libras organiza os sinais-termo em ordem alfabética pelo português, assim como as obras de língua oral. Um exemplo disso é a maior obra impressa de Libras, dos autores Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins (2017). Essa obra apresenta ordem alfabética em português, as entradas apresentam digitalização manual, verbete em português e verbete em inglês, ilustração semântica, ilustração da forma, descrição semântica, descrição da forma, exemplo de frase, classificação gramatical e escrita de sinais (sistema *SignWriting*). Sem desconsiderar a imensa importância dessas obras, principalmente da obra citada acima, consideramos a ordenação alfabética um dos maiores problemas das obras lexicográficas e terminológicas impressas de Libras, pois torna essas obras unidirecionais, ou seja, o verbete só pode ser consultado por meio do português, e não por meio da Libras.

Sobre macroestruturas nas obras digitais em Libras, existe uma obra conhecida na página “Acessibilidade Brasil”, elaborada pela autora Tanya Felipe (2005), cuja classificação se relaciona mais com o processamento cognitivo das línguas de sinais, pois sua organização é por Configuração de Mão e assim os usuários podem buscar os sinais-termo por meio da Configuração de Mão, sendo que a ordem por configuração pode ser comparada com a ordenação alfabética do português. Segundo Barros (2008), o dicionário organizado por entradas em Libras “é organizado por Configuração de Mãos – que é uma ordem A – e dentro de cada configuração, pela ordem alfabética do português”. Esta obra também tem opção para que usuários escolham se querem consultar por meio de Configuração de Mãos ou por ordem alfabética. Também oferece consulta por meio de categorias semânticas. Acreditamos ser esta a maior vantagem das obras digitais, a possibilidade da bidirecionalidade na consulta, ou seja, a consulta pode ser feita tanto em português, em ordem alfabética, quanto em língua de sinais, em ordem de configuração de mão.

Assim, algumas obras digitais oferecem mais de dois tipos de consulta: Configuração de Mãos, localização, ordem alfabética, Assunto, entre outros modos de consulta, como a página do Glossário de Libras, que possui consulta por meio de Configuração de Mãos, localização do sinal, português e inglês.

Felten (2016) analisou a estrutura da obra do Glossário de Libras e argumentou que este sistema tem opções de busca por meio de configuração das mãos e de localização do sinal, mais adequadas para a modalidade da Libras:

A estrutura do verbete em um glossário ou dicionário bilíngue deve contemplar as línguas envolvidas, como encontramos no glossário do Curso de Licenciatura de Letras-Libras da UFSC [...] O Surdo tem as opções de procurar o verbete pelo Português, em Libras, por meio da Configuração de Mão (CM) e da localização (L). Esses elementos favorecem o Surdo por oferecer ferramenta de busca compatível com a modalidade da Libras. (FELTEN, 2016, p. 77).

Costa e Nascimento (2015) também fizeram análises das obras e argumentam sobre a importância das obras em Libras e das suas ferramentas de classificação:

Os dicionários da LIBRAS representam importantes ferramentas para surdos e ouvintes e são tidos como materiais importantes para qualquer língua. No caso dos dicionários digitais optam por classificação, mais relacionada com a língua de sinais, pois costumam organizar os sinais por configuração de mão e, dentro de cada configuração de mão, utilizam a ordem alfabética do português. Além disso, representam os sinais por filmagem, com descrição e definição dos mesmos em português e trazendo também informações gramaticais e exemplos. Esses dicionários também oferecem a opção de busca pela ordem alfabética do português. (COSTA e NASCIMENTO, 2015, p. 12).

Lima (2014) coletou e registrou os sinais-termo da área de Arquitetura, e relatou sua experiência sobre a macroestrutura da sua obra:

A constituição do *corpus* desta pesquisa proporciona a compilação de lexias criadas no projeto de pesquisa. O *corpus* da “Obra Terminográfica Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico” está organizado em ordem alfabética tendo como Língua de Partida, LP, a Língua Portuguesa, LPT, e a Língua de Chegada, LC, a Libras. Tal medida justificou-se pelo fato de que se fosse escolhida como Língua de Partida a Libras, as entradas ou lemas precisariam estar em ordem de configuração de mãos o que dificultaria o processo de consulta tanto por parte do público surdo quanto do público ouvinte. Recomenda-se que *Obra Terminográfica Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico* seja impressa em meio digital. (LIMA, 2014, p. 124).

Lima (2014) acredita que uma obra digital precise oferecer as seguintes opções de consulta:

Em sua edição *online* deverá oferecer três sistemas de busca:

1. Ordem alfabética;
2. Por Configurações de Mãos, CM;
3. Pelo percurso onomasiológico (LIMA, 2014, p. 124).

Concluimos que, a respeito da macroestrutura em Libras, o mais correto é colocar as entradas com ordem de configuração de mão e/ou localização do sinal, que são próprios da estrutura das línguas de sinais, bem como em ordem alfabética ou palavra para usuários de Língua Portuguesa. Também é importante apresentar introdução em Libras, pois obras lexicográficas e terminológicas em Libras focalizam a língua de sinais, língua nativa de sujeitos surdos, daí a importância de se manter a macroestrutura em Libras.

3.2 A microestrutura

A microestrutura apresenta a organização das informações dos termos, como, por exemplo, termo-entrada, informação gramatical para saber se é masculino ou feminino, adjetivo, substantivo ou verbo, termo em relação de equivalência de uma língua para outra língua, definição/conceito, significado do termo, contexto, que depende do termo e do significado, e nota.

É importante saber que não há padrão para as informações dos termos, cada glossário ou dicionário tem suas estruturas; por exemplo, alguns apresentam variação linguística e outros não. No entanto, é importante que eles tenham um número mínimo de informações.

Conforme Barros (2004, p. 156):

[...] a microestrutura compreende a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. Três elementos devem ser levados em consideração, quando da distribuição dos dados na microestrutura:

- a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- c) a ordem de sequência dessas informações.

Já foram explicadas as noções de macroestruturas e microestruturas, aproveitando para relacionar com as obras lexicográficas e terminológicas de Libras, pois não há pesquisas específicas sobre as estruturas das obras em Libras. Foram encontradas algumas explicações básicas sobre obras em Libras, suas estruturas e maneiras de organização, mas é importante saber que, na época em que começaram a surgir, não haviam obras digitais, apenas impressas, e para produzir essas obras, alguns autores apresentavam os sinais-termo em ilustrações, fotos e/ou descrições.

Em línguas de Sinais, a história não é diferente: também há variadas formas de organização de seus dicionários. Na construção de um dicionário de línguas de Sinais, uma questão anterior à classificação das palavras se levanta: como representar os sinais em papel. Alguns dicionários optam por desenhos, outros por fotos, outros por descrições e outros por alguma forma de notação escrita, mas a maioria combina pelo menos duas destas formas. (BARROS, 2008, p.128).

Era uma estratégia para que os usuários acessassem e compreendessem os sinais-termo. Repetimos que a microestrutura apresenta as informações dos termos, e definição/conceito, exemplo, sinais variantes, entre outros elementos que fazem parte das informações. Percebemos que a maioria das obras digitais em Libras apresentam a entrada, os sinais-termo em vídeos, fotos e/ou ilustrações, porém as informações dos termos, definição/conceito, exemplo, sinal variante linguístico, não são apresentadas na obra, ou são apresentadas em português. Em uma pesquisa que encontramos que trata sobre a microestrutura da obra em Libras, o autor Felten (2016) adaptou a microestrutura na sua pesquisa sobre sinais-termo da área de História:

A microestrutura do glossário em Libras apresenta dados comuns à microestrutura em Português, com adaptações que levam em conta a estrutura linguística da língua-alvo – a Libras –, entretanto, sem perdas no conteúdo semântico do termo e dos campos terminográficos do verbete. Dessa forma, decidimos manter os mesmos campos terminográficos dos verbetes em português nos verbetes da Libras. (FELTEN, 2016, p. 124).

Encontramos a pesquisa de Felten (2016) sobre microestruturas e adaptação para Libras, porém não encontramos as obras publicadas nas editoras ou em páginas. Uma obra encontrada que apresenta as informações em Libras sobre sinais-termo é o *Glossário de Libras*, que inclusive apresenta escrita de sinais.

Em relação à microestrutura, refletimos: e se os usuários preferirem compreender definição/conceito por meio da Libras? Como a maioria das obras apresenta definição/conceito em português?

4. Conclusão

Temos duas reflexões sobre obras terminológicas em Libras. De acordo com a nossa primeira reflexão, as obras lexicográficas em Libras são oferecidas para sujeitos e aprendizes que querem aprender os sinais. Por isso, as obras lexi-

cográficas apresentam as informações em português para que os sujeitos possam acessá-las e conhecer sinais por meio do português.

Costa e Nascimento (2015) apresentam essa constatação sobre as obras lexicográficas em Libras que utilizam bastante português: “Foi possível perceber que os dicionários de Libras existentes se utilizam bastante da Língua Portuguesa escrita como um recurso para representar os sinais e/ou para defini-los” (COSTA e NASCIMENTO, 2015, p. 13).

No caso da Libras, as obras terminológicas apresentam sinais dos termos das áreas de especialidades para que discentes surdos, docentes, profissionais, tradutores/intérpretes de Libras que convivem nas suas áreas especializadas possam acessá-los e compreendê-los.

Tais obras são importantes principalmente para sujeitos surdos, pois eles convivem com as áreas especializadas e utilizam a Libras como sua língua nativa, a qual, como todas as outras línguas é viva, tem suas estruturas e parâmetros, e é através dela que os sujeitos surdos sinalizam e se comunicam. Retomando nossa questão anterior: e se eles preferirem consultar os termos e informações em Libras? Por isso, é importante refletir sobre obras terminológicas em Libras, as quais os usuários acessam para compreender os sinais-termo: eles acessam as obras, consultam os sinais-termo e também compreendem as definições/conceitos em Libras, tendo uma melhor compreensão por meio da Libras.

Como já observamos, algumas obras terminológicas possuem consulta por meio de Configuração da Mão, de localização e de ordem alfabética, mas as informações são dispostas apenas em português, caracterizando, assim, a obra terminológica como semibílingue. Faria-Nascimento (2009) explica as propostas bilíngue e semibílingue: “Uma proposta para repertório bilíngue ou semibílingue deve conter duas possibilidades de busca: uma busca diretamente em Libras e outra busca diretamente em Língua Portuguesa” (2009, p. 226).

O mesmo autor argumenta ser importante ter consulta em duas línguas, porém a Libras só tem sido usada para consulta e na macroestrutura. Nossa percepção é de que muitas obras terminológicas apresentam termos em Libras, mas a definição/conceito, a descrição e o exemplo são apresentados em português; a maioria das informações da microestrutura é apresentada mais em português do que em Libras.

Lima (2014), explica que optou por usar Libras e português no glossário que produziu. Segundo a autora, na obra terminográfica *Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico* os verbetes, a partir da Língua de Chegada, a Libras, serão organizados de modo a apresentar as informações em fotografia para a representação dos sinais. Trarão também informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não recorrentes). As sistemáticas referem-se a: entrada em Libras, classe morfológica, seguida do gênero; definição referencial ao sistema conceitual do desenho arquitetônico. A definição, em Libras, encontra-se registrada em vídeo. Em cada verbete na Língua de Chegada, a Libras, encontra-se também sua forma escrita, denominada escrita de sinais ou SignWriting (um sistema para representação de gestos aplicado às línguas de sinais) (LIMA, 2014, p. 126).

Acreditamos que o elaborador da obra terminológica necessita entender que é importante ter informações em Libras e em português, pois são línguas muito utilizadas no país. Principalmente para obras em Libras, é sempre necessário oferecer essa língua em primeiro lugar.

Faulstich (2010) aborda a importância de prover as duas línguas nos glossários, para que todos que utilizam Libras e português possam acessá-los:

O glossário desenvolvido por esta pesquisa procura atender as duas línguas envolvidas, constituindo-se em duas vias: uma em que a língua-fonte é o Português (L1) e a língua-alvo a Libras (L2); e outra em que a língua-fonte é a Libras (L1) e a língua-alvo é o Português (L2), constituindo um glossário reverso. (FAULSTICH, 2010, apud FELTEN, 2016, p. 81).

Felten (2016) também disserta sobre esta questão, e sua pesquisa enfoca o glossário da área de História em Libras, em que procura atender as duas línguas:

Para tal, todos os campos do verbete e a paralexigrafia da obra estão nas duas línguas envolvidas, respeitando a estrutura correta do que concebemos como uma obra terminográfica efetivamente bilíngue, de forma a atender às especificidades das línguas em questão. (FELTEN, 2016, p. 81).

Nossa segunda reflexão sobre a formação do sinal-termo na Libras é sobre a importância de coleta, registro e publicação nas obras terminológicas para que usuários possam acessá-las. Pensamos que o elaborador da obra necessita

conhecer muito bem as duas línguas, pois não tem como traduzir os sinais dos termos em Libras para português ou português para Libras. Como os termos são especializados, e os sinais-termo também, os elaboradores não podem procurar os sinais sinônimos para os termos.

Além disso, outra questão importante é que todos os sinais têm seus próprios parâmetros e são diferentes das línguas orais; se um dos parâmetros muda, o significado também muda, por isso é essencial trabalhar com sinais-termo e termos em português. Portanto, nós acreditamos que é importante para o elaborador da obra terminológica conhecer as duas línguas, para representar os termos de acordo com os conceitos e com os sinais.

No excerto abaixo, Faulstich (2013, p. 5) se posiciona sobre a atuação do elaborador da obra e sobre as línguas envolvidas:

[...] é preciso notar que as linguagens científica e técnica exigem requisitos além da simples interpretação do conteúdo; exigem representação, isto é, um (o elaborador do glossário) precisa posicionar-se como se fosse o outro (o consultor do glossário). Por exemplo, quando elaboramos glossários tendo como língua de partida o português e como língua de chegada a língua de sinais brasileira, é preciso considerar que os sinais seguem parâmetros diferentes das línguas orais.

É importante entender que a Libras tem suas estruturas próprias, relativas à sua fonologia, morfologia, sintaxe e léxico que fazem com que funcione com autonomia na criação dos sinais-termo. Outro elemento importante da Libras são os parâmetros, os quais são entidades visuais que formam significados, científicos ou não.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência & Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-6, 2006.
- BARROS, L. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BARROS, M. E. ELIS – *Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC.
- BENVENISTE, É. (1974). *Problema de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. v. 24, n. 3, 1995.

CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, W. D., TEMOTEO, J. G., MARTINS, A. C. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: EDUSP, 2017.

COSTA, E. S., NASCIMENTO, L. R. S. *Os dicionários virtuais e impressos da língua brasileira de sinais*, 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/1283/145>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira: uma proposta Lexicográfica*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília.

FAULSTICH, E. *Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.

FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue português-Libras de termos da história do Brasil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.

FREITAS, M. A. E. S. A aprendizagem dos conceitos abstratos de ciências em deficientes auditivos. *Ensino em Revista*. v. 9, n. 1, p. 59-84. jul. 2001.

FRUBEL, A. C. M. *Glossário de Neologismos Terminológicos da Saúde Humana: uma contribuição para o registro do léxico corrente do português do Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista.

LIMA, V. L. S. *Língua de sinais: Proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

MCCLEARY, L. *Sociolinguística*. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional, Curso de Letras/LIBRAS à distância). Florianópolis: CCE-UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXTO-BASE_Sociolinguistica.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017.

OLIVEIRA, J. S. *Glossário Letras-Libras como ferramenta para formação/consulta de tradutores*. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, Florianópolis. *Anais...* Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010/Janine%20Soares%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 17.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, D. P. *Glossário bilíngue da Língua Brasileira de Sinais: criação de sinais dos termos da música*. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília, 2013.

SAGER, J. C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998.

SCHERMER, T.; KOOLHOF, C. *The first national Dutch Sign Language (NGT) Dictionary in book form*: Van Dale Basiswoordenboek Nederlandse Gebarentaal. Section 11. Sign Language. p. 1555 a 1564 Euralex_2010.

SILVA, N. M. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S. MIRANDA, R. D. Glossário Letras Libras: A trajetória dos sinálicos no curso: Como os sinais passam a existir? In: QUADROS, Ronice Muller. (Org.) *Letras Libras: Ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.